



# FORÇAS ARMADAS: APENAS SEGURANÇA EXTERNA?

Nelson O' de Almeida

---

*O presente trabalho foi apresentado, pelo autor, no seminário "A Segurança Nacional dos Países da América Latina", realizado pelo Centro Latino-americano de Estudos Estratégicos, em Querétaro, México, maio de 1987.*

---

*"A guerra é improvável, mas a  
Paz é impossível"*  
(R. Aron.)

## O ETERNO CONFLITO

**S**E Rogers viu o *homo sapiens* como basicamente bom, buscando interações sociais suaves e equânimes, Morin chegou a definir o *homo demens*, não tão bom, tal a capacidade que lhe reconhecia.

O fato é que, quando pareceu-lhe mais eficiente "cercar" as presas e veio a caçar em duplas, quando se organizou em torno de um interesse comum, o homem passou a vivenciar dois sérios problemas: o das relações de poder (já que alguém teria de chefiar a dupla, de to-

mar as decisões) e o dos conflitos de interesses pessoais. A natural hierarquização de conhecimentos, das habilidades, dos desejos, geraria conflitos, fossem eles pessoais, grupais, organizacionais ou políticos. Os grupos primitivos ampliaram o número de participantes, defenderam áreas geográficas, desenvolveram culturas e se especializaram conforme suas naturais capacidades. O homem foi, mesmo, capaz de engendrar a filosofia, de tornar-se apto a atingir outros planetas (e a destruir totalmente aquele em que habita) e, ainda, organizar relações sociais a que se via obrigado pelos padrões de vida que almejava, mas jamais logrou eliminar os conflitos básicos de interesses ou as idéias de ordem, de hierarquia, de autoridade, inerentes mesmo à própria interação social. Da disputa pela autoridade do microgrupo, passou à luta pela posse da melhor terra, da de água mais abundante ou daquela mais rica em caça, para culminar na busca da hegemonia entre os grandes grupos e, afinal, entre as nações.

Assim, tem-se dito que a história da humanidade pode ser estudada pela história das guerras e não foi sem razão que uma nova ciência – a Polemologia – teve de nascer. Lênin, ao dizer que "... a paz é a continuação da guerra...", seguia

Maquiavel que dizia ser a guerra "... uma continuação da política, por outros meios". Morgenthau<sup>1</sup> afirmava que "...a paz e a guerra formam um contínuo e não são domínios separados", para logo acrescentar que "Poder pode ser *qualquer coisa* (grifo nosso) que estabeleça e mantenha o controle do homem sobre o homem: cobre, portanto, todas as relações que sirvam a uma tal finalidade, desde a clássica violência física até às mais sutis ligações psicológicas".

Quando esse poder é exercido para estabelecer e manter o controle de nação sobre nação, viu-se o estender, agora aos macrogrupos, da mesma classe de fenômenos observados nos microgrupos primitivos: os permanentes conflitos de interesses, de culturas, ideológicos e econômicos, o que quase sempre terminava em conflito militar. É bem certo que o Direito e os foros internacionais – e mais que tudo, os altos níveis de cultura – têm prestado inestimável auxílio para a resolução pacífica, racional, de um sem-número de problemas. Mas é preciso não esquecer os clássicos, para estar-se na história mais recente:

"A guerra é um conflito internacional permanente, que subordina todas as forças de poder do Estado e

cujo objetivo supremo é a vitória da revolução comunista em todas as nações" (Lênin).

"Todo poder, militar ou não, serve ao propósito único de modificar a vontade de outra nação" (Morgenthau).

Para Sir F. Howard, deão da Universidade de Londres:

"O desejo, a aquisição e o exercício do poder são a matéria-prima da política, tanto nacional quanto internacional. As relações internacionais serão, sempre, um delicado ajustamento de poder a poder, um mútuo explorar de intenções e de capacidades, buscando e preservando um senso de ordem que, embora não satisfaça a ninguém, seja tolerável para todos".

Focalizando apenas o conflito clássico do mundo bipolar, pode-se alinhar algumas das "diferenças notáveis" de Brown<sup>2</sup>:

Esquerda:

Lealdade ao grupo  
Suspeita da família  
Exaltação à liberdade  
Feminismo  
Liberdade sexual  
Cosmopolitismo  
Socialismo  
Críticas às tradições  
etc.

Direta:

Lealdade a uma figura  
Exaltação à família  
Disciplina e ordem  
Antifeminismo  
Restrição sexual  
Patriotismo  
Propriedade privada  
Exaltação às tradições  
etc.

Pode-se, assim, imaginar o quanto ter-se-á de andar para se obter um encontro de consenso, a meio caminho...

O mundo, afinal, deixou de ser bipolar e já muito se aprendeu desde a "coexistência pacífica" e, também, com as enormes necessidades não-atendidas de quase metade da população do planeta. Permaneceram, entretanto, os conflitos básicos — quase tão intocados quanto antanho — e as diferenças de gostos, de desejos, de ideologias, de culturas, de economias e de potenciais disponíveis parecem confirmar que a história da humanidade vai mesmo confundir-se com a das guerras, já que, segundo Cluttbuck:

"Embora se busque evitar um conflito nuclear, não há sinais de que se pretenda impedir as guerras limitadas ou as guerras civis."

## A GUERRA PSICOLÓGICA

*"Since willingness to surrender is a state of mind, all these different means (military, economic or the like) are used just to bring about a change of mind."*

(E. G. Boring.)

Examinando-se o fenômeno que se convencionou chamar "guerra", identifica-se um curioso atributo que nem mesmo a filosofia helênica ou o racionalismo do século XX conseguiram eclipsar. Tem-se estudado Aníbal, Alexandre, Cipião, César, Souboutai, Tamerlão, Belisário, etc., como se tem analisado Gonçalves de Cordue, Marlborough, Turrene, Luddendorf, Gustavo Adolfo, Napoleão e Hitler — todos supostamente mesmores no emprego da violência organizada. Mas, se muitos deles, se não todos, estavam conscientes do "atributo constante" de qualquer tipo de guerra, os cantores de seus feitos localizaram sempre o uso da força: Clausewitz, Jomini, Maquiavel, e mesmo Douhet trataram, em princípio, de como conduzir a aplicar a violência física. Notável é ter-se Liu Chi, Sun Tzu, Lao Tsetung, Vo Nguyen Giap e Ernesto Guevara deduzindo e modificando a finalidade básica da guerra, o "atributo constan-

te": ao invés de destruir o inimigo, dominar os mares ou controlar os ares (e, hoje, o espaço), preferiram o seduzir, o persuadir, o obter a concordância do inimigo — o que, afinal, representa a finalidade mesma de qualquer tipo de guerra.

Os próprios analistas ocidentais chegaram a reconhecer esse conteúdo intrínseco:

Para Liddel-Hart<sup>3</sup> "... (a ação indireta) está intimamente ligada aos problemas da influência de mente sobre mente, fator da máxima importância na história da humanidade".

Em Clausewitz<sup>4</sup> lê-se que "A guerra é um ato de força para compelir o inimigo a aceitar a nossa vontade e isto inclui dois elementos: o ato de força e a ação psicológica."

Para De Saxe<sup>5</sup> "... a solução está no coração dos homens: sem conhecê-lo e conquistá-lo, vai-se depender sempre da sorte das armas."

Douhet<sup>6</sup> acreditava que "... o inimigo só é vencido ao se lhe quebrar a resistência moral."

Belisário, repetindo Sun Tzu, dizia que "A vitória

mais feliz é aquela que compele o inimigo a abdicar de seus desígnios sem que, para tanto, se sofra qualquer dano."

Timmermann<sup>7</sup> observou que, "para vencer o inimigo, sua determinação de resistir deve ser destruída, independentemente de que sua capacidade física para fazer a guerra permaneça intacta."

Em Wüst<sup>8</sup> a conclusão é a de que "(na guerra cabe atacar...) a coesão anímica do povo o que, em última análise, é o que decide a luta pela sobrevivência."

Deve-se concluir com Penna<sup>9</sup> que "...tais recursos (psicológicos) poderiam e deveriam converter-se nos instrumentos principais da atividade bélica, transformando-se os equipamentos mecânicos (o armamento) em simples coadjuvantes subsidiários."

Embora reconhecendo o "atributo constante" — o componente psicológico — em todos os tipos de guerra, os analistas ocidentais concentraram-se no ato de violência e desenvolveram, assim, as operações "contraforça"; os estrategistas orientais aceitaram que, sendo a

guerra uma luta entre vontades e não entre exércitos, seria mais vantajoso dedicar-se a subjugar vontades e desenvolveram as operações "contravalor."

Não era sem razão que Napoleão dizia que "*Quatre jours neaux peuvent faire plus de mal a l'ennemi qu'une armée de cent mille hommes.*" Goebbels, por seu turno, descrevia a propaganda como a arma que "...preparava o caminho de Stukas e das Panzer para, a seguir, concretizar-lhes os êxitos."

Por isso, é natural que a preocupação dos comandantes de hoje esteja centrada, como disse Miskov Filho<sup>10</sup> "...muito mais que o preparo físico, muito além da perícia no tiro ou a habilidade tática, a guerra moderna exige do combatente um preparo moral intenso, para torná-lo menos vulnerável ao impacto dos ataques psicológicos do inimigo."

Até o século XVIII as guerras eram assunto de governo e não do povo, seu instrumento. Napoleão falava em "guerra total" porque lhe parecia que ela deveria envolver a toda a nação. Mao, por sua vez, diria que a guerra é total porque estaria dirigida a todos e a cada um dos inimigos, individualmente. Contudo, entretanto, a Clausewitz continuou a definir o que já era conhecido de Sun Tzu — e fora usado estrategicamente por Liu Chi ao unificar a China de 220 a.C. e, por

riormente, por Mao, ao comu-  
zá-la — a “Trindade Notável”,  
to é, o Povo, o Governo e o  
ército. Enquanto não houves-  
comunhão de ideais e aspi-  
ções — e a Trindade não se  
rnasse Notável — qualquer vi-  
ria lhe parecia improvável e  
qualquer guerra um desastre.  
ão importante pode ser a  
indade ficou bastante claro no  
etnam ou nas Malvinas.

Quando se tem de reconhe-  
r a existência, programada ou  
o, de ameaça psicológica, de-  
r-se-ia, ao menos, ter plane-  
das medidas que permitissem  
sociedade, ao Governo e ao  
ovo “sobreviver” cultural e  
eologicamente, do mesmo  
odo como se o faz prevenindo  
ameaças físicas. Se o protes-  
pacífico de um Gandhi pode  
r facilmente reconhecido, se  
versos grupos *pro pax* são  
almente pacifistas, bem mais  
mplexo — e envolvendo, man-  
torianamente, análises multidis-  
olinaras — é o identificar-se se  
propostas de uma nova peça  
teatro, uma moderna cartilha  
ra a alfabetização de cam-  
ses ou o “efeito demonstra-  
o” de certos anúncios e de  
terminadas novelas de TV são  
almente artísticos, incidentes  
ramente aleatórios ou se es-  
o seguindo um padrão de  
roveitamento sistemático,  
mbora disfarçado, das “dife-  
nças notáveis” de Brown, com  
finalidade última de impedir

ou de destruir a cristalização da  
“Trindade” de Clausewitz. É  
sempre muito atraente o concei-  
to de liberdade (principalmente  
quando ilhado das inerentes  
responsabilidades) como o é o  
de direitos (maxime quando se  
omitem os deveres); isto tem  
conduzido, especialmente as  
culturas mais jovens e instáveis,  
à confusão entre, por exemplo,  
“liberdade” e “licenciosida-  
de”...

As próprias religiões organi-  
zadas — embora não se espere  
que sejam “o ópio do povo” —,  
ao abandonarem suas clássicas  
missões teológicas de apoio e  
de orientação espiritual, de pre-  
servadoras do Bem e da Paz,  
passando, diuturnamente, à dis-  
cussão de problemas sociais  
imediatos, comprometem suas  
credibilidades carismáticas,  
suas inviolabilidades e seu im-  
portante papel aculturador. A  
“nova” igreja Católica Apostóli-  
ca Romana, por exemplo, tem-  
se dedicado, ativamente, a prá-  
ticas quase partidárias a fazer-  
se de foro paralelo e... relem-  
brando a “Santa Inquisição”, a  
tomar como missão a investiga-  
ção e o policiamento das ações  
dos governos.

Além do mais, com os atuais  
desenvolvimentos dos meios de  
comunicação de massa, com a  
falácia da “verdade” da câma-  
ra de TV, com as técnicas  
hoje disponíveis de controle  
e mudança de atitudes — todos

capazes de antepor-se à "Trindade Notável" – bem como os avanços da ciência psicológica e, mesmo, da parapsicologia, parece que não é afinal tão falsa a antevisão de Doubert de que "...domani il progresso delle scienze psichiche non possa fornire al comandante supremo di una nazione i mezzi d'imporre la propria volontà – telepaticamente – al comandante supremo nemico." (ob). Tem-se focalizado a atenção nos conflitos econômicos, nas ameaças físicas, militares; as atenções têm-se concentrado na intervenção americana em Granada ou na ocupação russa do Afeganistão... Mas, enquanto isso "...a arma psicológica, muito mais sutil e insidiosa, está livre para destruir o ser humano não no físico, mas naquilo que tem de mais precioso: a mente!"<sup>11</sup>

## NOVAS AÇÕES MILITARES

*"Mata um e assustará dez mil"*  
(provérbio chinês).

A manhã de 23 de outubro de 1983, em Beirute, foi abalada pelo que o FBI definiu como "a maior explosão convencional jamais vista". Um caminhão com seis mil quilos de TNT, passara três perfímetros defensivos sem ser molestado e arre-

messara-se a 70 km/h sobre o QG da Força de Desembarcos Fuzileiros Navais americanos, causando 241 mortes, mais de 150 feridos e, praticamente demolindo completamente o prédio.

Uma ação terrorista há superado a vantagem militar teórica de uma unidade anfíbia completa – apoiada por um navio-aeródromo de ataque, diversos navios de escolta, inclusive um couraçado, além do processamento de informações de uma potência hegemônica – para saltar em uma vitória política de vulto (abalo da coesão interna do povo e do Congresso americano) e de alta importância estratégica (revisão da política americana para o oriente médio).

O terrorismo, entretanto, não da tinha de novo: unido à guerrilha (fazendo parte de) sua composição – a guerrilha – já foi cantado por Heródoto e Sun Tzu. Spartacus, há 2000 anos, liderou uma revolta de escravos; Citas, em 512 a.C., resistiram à ocupação persa através da guerrilha e do terrorismo. Os irlandeses resistem, desde o século XI, à ocupação britânica; Francis Marion consagra-se, durante a independência americana, como líder guerrilheiro, fazendo Cornwallis retirar-se para a rota de Yorktown.

No século XIX já se percebeu todo o potencial e a impo-

tância política da guerrilha e do terrorismo, desenvolvido através da história dos "Cabelos Longos", na China, da Guerra dos Boeres, na África do Sul, de Lawrence, na Arábia. O século XX registraria os *partigiani*, os *maquis*, Fidel Castro em Cuba, os *viet Mim*, etc. Mao, na China, afinal só foi retardado pela ocupação japonesa... Como novidade aparece a guerrilha urbana e as ações táticas não mais estariam voltadas contra as tropas, os depósitos, as fábricas, etc., mas especialmente contra os homens, através de assassinatos seletivos e seqüestros — ações que, afinal, serviram de guia à atuação de Leumi, na Palestina de 1945. Na Indochina (e repetindo a má estratégia francesa), enquanto Westmoreland empenhava-se em operações de "caça e destruição", Giap pretendia apenas fustigar, durar e destruir a "Trindade Notável" americana — o que consegue com o auxílio das redes de TV... do inimigo! Uma nova era, um novo (?) tipo de combate viera à luz e, agora, como diria o Alte R. J. L. Long<sup>12</sup> definindo o terrorismo de Estado: "(passara a existir)... uma arma definitiva, que permite à nação de poder militar inferior atingir um certo grau de paridade estratégica com as grandes potências mundiais. Para um número crescente de países, o terrorismo tornou-se uma alter-

nativa na condução dos negócios de Estado: de fato uma alternativa para a criação de grandes e sofisticadas Forças Armadas convencionais. Além disso, os terroristas são agentes cuja associação com o país-sede pode ser facilmente negada... não colocando sua população e seu território em graves riscos".

Clutterbuck,<sup>13</sup> após reconhecer e definir seis diferentes manifestações de conflito, em nossos dias, acreditava ser necessário atentar para que:

"A TV é, sem dúvida, um dos fatores que mais pressionam os governos, pois é através dela que a violência terrorista é levada à população interna e externa."

"Com a atual comunicação de massa, o provérbio chinês torna-se: "mata um e assustarás dez milhões".

"Nada faz um terrorista sentir-se mais importante e útil que ter Ministros e Chefes de Polícia negociando com ele, frente a câmaras de TV... e tendo que ceder às suas exigências."

É fácil perceber-se — e já que a guerra é um ato psicológico — como os meios de comunicação de massa sustentaram a vida e ampliaram o potencial do terrorismo. Usualmente, esses meios nem mesmo concordam com as ações ou com as propostas vei-



culadas, mas tornam-se objeto de exploração fácil, pela própria "neurose da notícia", dando *status* aos terroristas, difundindo-lhes as idéias e as técnicas, quando não informando, inadvertidamente, sobre os planejamentos de segurança.

Já se passou algum tempo desde que Carlos Marighela, em seu "minimanual" de guerrilha urbana", resumia a ação terrorista como sendo a de "... criar uma situação interna em que o governo não tenha outra opção que não o uso de medidas repressivas sempre maiores, através de distúrbios "legais", de danos à propriedade e de perdas de vidas humanas. O objetivo é tornar a vida insuportável para o povo, transformando uma situação política em uma situação militar." Hoje, há de reconhecer-se, com o Alte Long, que "... o terrorismo de Estado estabelece-se como eficiente forma de guerra."

## A SEGURANÇA INTERNA

*"O Exército constitui-se na última defesa do Estado contra a destruição interna"*  
(Gen Clutterbuck)

Desde que passou a chefiar o bando e teve de defendê-lo do

ataque de animais ferozes, o "Chefe" buscou amigos fortes que o pudessem auxiliar na árdua tarefa. Para equilibrar os encargos, houve necessidade de desenvolver-se um conjunto de "tabus" (de regras) que tornassem essa proteção mais eficaz. Criado um corpo de leis, haveria de existir um responsável pelo seu cumprimento e uma sistemática que garantisse a reeducação ou a coação dos infratores. Na ótica de Clutterbuck "... logo que estes Chefes passaram a desempenhar suas funções, apareceram dissidentes que, julgando-se injustiçados, vieram a desafiar suas autoridades. Cedo eles iriam descobrir que o "Chefe", como indivíduo, era tão vulnerável às armas quanto os animais que caçavam." Como forma de defender-se e poder fazer cumprir a lei, apesar dos dissidentes, os chefes acabaram por aglomerar em torno de si grupos de amigos fortes e confiáveis que se encarregavam de manter a ordem e protegê-lo fisicamente. Quando tribos vizinhas pretendiam disputar-lhe as regiões de caça, essa mesma "guarda pretoriana" era a primeira linha de defesa - estavam criados os exércitos! De fato, eles se confundiam com o próprio chefe. Até a Revolução Francesa isto é muito claro: o Rei é também o General, e o Exército se confunde com a Polícia. A defesa interna é praticada pelos próprios ca-

valeiros que defendem o reino. Em verdade, a necessidade de defesa interna teria precedido a de defesa externa!

Após 1967, o recrudescimento da guerrilha, principalmente a urbana, apresenta um novo e delicado problema: o incômodo e o cerceamento impostos ao povo em geral, com as medidas preventivas e repressivas contra o terrorismo e a guerrilha. Os governos, além de terem de dosar muito habilmente tais medidas, viam-se obrigados a investir fortemente em estruturas de informações, de polícias especializadas, de relações públicas, que permitissem identificar, controlar e explicar as ações que deveriam ser praticadas. Se os objetivos dos seguidores de Marighella ainda são, como parece, os de tornar "a vida do povo insuportável", é imprescindível que as ações preventivas e repressivas não se venham a somar aos amargores da população e jamais permitir transformar-se "uma situação política em situação militar".

As Polícias tiveram de ampliar-se e especializar-se — como o fez a alemã após Munique — e ganhar âmbito nacional. Algumas nações criaram, a altos custos, uma outra organização entre a Polícia e o Exército, para evitar que este fosse chamado a intervir internamente e, assim, desviado de sua missão precípua ou

se desgastasse frente ao público, quebrando a "Trindade". As *Compagnies Républicaines* na França, a *National Guard* nos Estados Unidos, os *Carabinieri* italianos como os *Carabineros* chilenos representam bem, entre outras tantas, essa "quarta força" dirigida à segurança interna. É forçoso reconhecer-se, entretanto, o elevado custo desse "segundo exército": os gastos de convocar, equipar, treinar e manter tais forças — além do desperdício de naturais disponibilidades do Exército regular, em tempo de paz — têm postergado sua ativação, principalmente em países pobres, preferindo-se, por mais econômico, adestrar-se certas frações do Exército regular para tal mister. Clutterbuck observou que "O Exército tem sido empregado, regularmente, para apoiar a Polícia na garantia da segurança interna, isto é, na defesa contra ataques armados, sejam eles, a bomba ou com armas curtas. A defesa contra ataques armados é a função natural de qualquer Exército."

Imagine-se um cowboy, bem à americana, com dois revólveres, e que pretenda defender-se dos índios e dos bandidos também. Parece inconcebível que ele se resolva a sacar a arma direita somente contra os índios e a esquerda apenas contra os bandidos. Uma tal decisão estaria certamente diminuindo-lhe a eficiência, o poder de fogo e as

chances de sobreviver a qualquer dos ataques.

Inegável é que, nas atuais condições de conflito, onde se deve admitir a guerra psicológica e o terrorismo de estado, as Forças Armadas terão de estar perfeitamente adestradas, prontas e aptas a operar na Segurança Externa. Difícil será, portanto, justificar os altos custos de um "segundo exército", limitado à Segurança Interna, onde, afinal, desenrolar-se-ão "atos de guerra". E mesmo esquecendo os possíveis, senão prováveis, conflitos de comando, de tática, de invejas, e de natural competição entre forças altamente treinadas, a idéia de que a divisão do poder, de forças diminuiria a interferência do Exército regular na política da nação não resistiria ao mais leve exame! As Forças Armadas, já por se proporem a enfrentar o inimigo externo e serem, mandatoriamente, de nível nacional, haveriam de ter um potencial definitivamente superior ao de qualquer milícia, principalmente "estadual". Outra vantagem surgiria da coesão, em todo o território nacional, o que dificilmente teriam as Polícias, mesmo federais.

A nação, afinal, que admitisse a possibilidade de intervenção aleatória das Forças Armadas em sua política interna — o que historicamente só tem acontecido nas situações em que o Governo Civil tenha prati-

camente perdido o controle do Estado e ponderável parcela da população anseie por ordem e garantias — estaria cometendo suicídio ao pretender criar milícias ou uma "quarta força" para ter suposto controle ou capacidade de confrontação com suas próprias Forças Armadas regulares. Este parece, mesmo, conselho de Marighela e convite à guerra civil. Pode interessar a muitos mas não, certamente, à Nação!

Conforme Clutterbuck, "Enquanto o fogo for uma ameaça à vida humana, a prevenção contra incêndios deverá ser mantida, mesmo que o Corpo de Bombeiros (seja com *escadas* ou com *mangueiras*, N. do A.) fique mais tempo de prontidão do que propriamente em serviço. . ."

## À GUIA DE CONCLUSÃO

*"As rãs queriam um Príncipe...  
(Da sabedoria popular).*

A guerra existirá, em alguma de suas formas, para o sempre previsível, atingindo nações, grupos e indivíduos.

A guerra psicológica é um fato e, quando não se deseja percebê-la viva e atuante, tem-se, ao menos, de admitir-se-lhe a possibilidade. . . e os efeitos!

O Terrorismo de Estado firma-se como "o poder atômico dos pobres", oferecendo às pe-

quenas nações uma alternativa para Forças Armadas sofisticadas e para a defesa e o ataque estratégicos contra potências hegemônicas.

As possibilidades de guerra química ou bacteriológica ultrapassam hoje as ameaças nucleares.

As Forças Armadas de qualquer nação pobre terão também missões de Segurança Interna, suplementando e apoiando as Polícias. As alternativas, embora possam ser eficientes, são extremamente caras e trazem, intrinsecamente, outros problemas.

São imprescindíveis as "informações", para o Governo, para as Forças de segurança e para o povo. Elas devem estar a salvo de manipulação, consciente ou não.

Cresce o valor das informações sobre pessoas (*who's who*); prevenir é sempre mais fácil que remediar.

No Brasil, além de 17.000 km de fronteiras secas, de 7.400 km de costas, de 8,5 milhões de km<sup>2</sup> de área e de mais de 140 bilhões de km<sup>3</sup> de ares sobrejacentes, o mais importante bem a defender é a população de 142 milhões de almas!

*"No checks in international politics can be honoured unless there is a full supply of military power in the bank to meet it."*

(Sir F. Howard.)

## BIBLIOGRAFIA

1. H. J. Morgenthau, *Politics Among Nations*, Knopf, 1960.
2. J. A. C. Brown, *Techniques of Persuasion*, Pelikan, 1968.
3. B. H. Liddel - Hart, *Estratégia*, Biblalex, 1966.
4. K. von Clausewitz, *Princípio de Guerra*, Biblalex, 1956.
5. M. De Saxe, *Reveries on the Art of War*, MSPC, 1944.
6. G. Douhet, *Per la Guerra Aerea*, Rivista Marittima, 1928.
- 6b. ...., *O domínio do Ar*, EAOAR, 1978.
7. F. Timmermann Jr, "Psicologia: Ferramenta Esquecida", *MilRvw*, LX, 1980.
8. R. H. Wüst, *La Guerre Psychologique*, Payot, 1954.
9. A. G. Penna, *Psicologia Aplicada às Forças Armadas*, ECEMAR, 1965.
10. R. Miskow Filho, "O Soldado na Guerra Moderna", *Def Nac*, 697, 1981.
11. M. F. T. P. Ferreira, *Ensaio para uma Doutrina de Guerra Psicológica*, ESG, 1986.
12. J. Wright, "Terrorismo: Nova Forma de Guerra", *MilRvw*, LXV, 1985.
13. R. Clutterbuck, *Guerrilheiros e Terroristas*, Biblalex, 1977.
14. G. Bouthoul & R. Carrière, *O Desafio da Guerra*, Biblalex, 1979.

---

Cel Av. RR NELSON JOSÉ ABREU DO O' DE ALMEIDA - Completou todos os cursos militares: EAOAR, ECEMAR e CSG/ESG. Coursou Estado-Maior na Air University e recebeu o grau de Mestre em Psicologia Industrial pela Ohio State University. Foi Instrutor da ECEMAR e integrou o Corpo Permanente da ESG. Entre vários Comandos, destaca-se o dos MIRAGE e da 1ª Ala de Defesa Aérea.

---